

**NARRATIVAS LITERÁRIAS E O DESENVOLVIMENTO REGIONAL DO NORDESTE
BRASILEIRO: uma análise através da obra A Fome de Rodolfo Teófilo**

***LITERARY NARRATIVES AND THE REGIONAL DEVELOPMENT OF NORTHEAST BRA-
ZIL: an analysis through the work A Fome by Rodolfo Teófilo***

Loângela Martins de Sousa
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)
Email: loangela20231005304@alu.uern.br.

Maria Elvira de Oliveira Lopes
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)
E-mail: elviramariaholanda@gmail.com

Maria Losângela Martins de Sousa
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)
E-mail: mariasousa@uern.br.

Grupo de Trabalho (GT02): <Políticas Públicas para o Desenvolvimento Regional>

RESUMO:

A região do Nordeste brasileira é bastante diversa, tanto no que se refere aos seus aspectos naturais, bem como sociais e culturais. Tal diversidade imprime naquele território desafios na perspectiva do seu desenvolvimento. O objetivo deste escrito é compreender o desenvolvimento territorial no Nordeste brasileiro, através da análise de narrativas literárias, compreendendo como a literatura se apresenta como um recorte importante na interpretação da realidade posta. Para tanto, utilizou-se como objeto de estudo a obra intitulada A fome de Rodolfo Teófilo. A pesquisa se caracteriza como bibliográfica e traz como principais resultados o entendimento que tomando por base as narrativas literárias da obra analisada o desenvolvimento regional no Nordeste brasileiro é tardio, lento, assistencialista e impulsionador das desigualdades sociais. A obra retrata com alto grau de realismo as condições precárias dos retirantes da seca e suas mazelas, frente a um Estado omissivo e limitado. Marcados pela fome, miséria, falta de assistência à saúde, e alta vulnerabilidade social, os flagelados da seca, retratados na obra, sentiam “na carne” os efeitos da falta de políticas públicas que mitigassem, socorressem e/ou resolvesse a grave situação que os mesmos eram submetidos frente às grandes secas do Nordeste brasileiro.

Palavras-chave: Desenvolvimento Territorial. Políticas Públicas. Fome. Miséria.

ABSTRACT: *The Brazilian Northeast region is quite diverse, both in terms of its natural and social and cultural aspects. Such diversity poses challenges to that territory in terms of its development. The objective of this paper is to understand the territorial development of the Brazilian Northeast through the analysis of literary narratives, understanding how literature presents itself as an important aspect in the interpretation of the reality at hand. To this end, the work entitled *A fome* by Rodolfo Teófilo was used as the object of study. The research is characterized as bibliographical and brings as its main results the understanding that, based on the literary narratives of the work analyzed, regional development in the Brazilian Northeast is late, slow, welfare-based and a driver of social inequalities. The work portrays with a high degree of realism the precarious conditions of the drought-stricken people and their hardships, faced with an indifferent and limited State. Marked by hunger, poverty, lack of health care, and high social vulnerability, the victims of the drought, portrayed in the work, felt “in the flesh” the effects of the lack of public policies that mitigated, helped and/or resolved the serious situation to which they were subjected due to the great droughts in the Brazilian Northeast.*

Keywords: *Territorial Development. Public Policies. Hunger. Poverty.*

1. INTRODUÇÃO

O Nordeste brasileiro é uma região diversa em seus múltiplos aspectos, desde a questão natural à cultural, como diz Malvezzi (2007), tratando do semiárido brasileiro não se pode compreendê-lo de um ângulo só, é preciso uma visão holística. Quanto aos seus recursos naturais, marcado por uma complexidade paisagística que compreende desde vastos sertões, maciços residuais, planícies fluviais e importantes bacias sedimentares. Neste sentido, a região tem como domínio morfoclimático predominante as depressões interplanálticas semiáridas, recobertas por caatinga (Ab'saber, 2003), bioma exclusivamente brasileiro, caracterizado por um clima semiárido e uma vegetação adaptada às condições de semiaridez. Sua diversidade florística e fisionômica é bastante rica e única, abrigando espécies vegetais, muitas das quais são endêmicas, predominantemente xerófitas e caducifólias, adaptações estas, necessárias para sobreviver em condições de baixa disponibilidade de água. A sua fisionomia é bastante variada, podendo ser classificada em diferentes formações vegetais, geralmente baixa e esparsa, mas que frequentemente apresentam troncos tortuosos, cascas reluzentes e folhas pequenas, adaptadas para reduzir a perda de água na estação seca (Leal, Tabarelli e Silva, 2003).

Além da Caatinga, o Nordeste abriga outros biomas como o Cerrado e a Mata atlântica, ca-

racterizando o que Ab' Saber (2003) chama de áreas de enclaves. Entre os principais enclaves podemos mencionar a mata pluvionebular, localizada no reverso imediato do planalto da Ibiapaba, bem como nas vertentes a barlavento dos principais maciços residuais e os enclaves de cerrados localizados nos tabuleiros pré-litorâneos e nas bacias intracratônicas da depressão sertaneja (Lima, Moraes e Souza, 2000).

Do ponto de vista social, a região é marcada por uma rica diversidade cultural que se reflete nas tradições, festas, culinária, música, arte, religião, povo (Malvezzi, 2007), No entanto, o Nordeste também enfrenta desafios sociais significativos, como desigualdade, pobreza e acesso limitado a serviços básicos de saúde, educação e moradia, por exemplo.

Em termos socioeconômicos, o Nordeste semiárido historicamente se caracterizou como um espaço com grande concentração de terra, água e meios de comunicação nas mãos de uma pequena elite, uma situação que gerou altos níveis de exclusão social e de degradação ambiental, resultando em uma crise socioambiental e econômica (ASA, 2024). O processo histórico de uso e ocupação dos sertões, pautado na pecuária extensiva, na agricultura de subsistência e no extrativismo vegetal indiscriminado reflete paulatinamente o comprometimento da capacidade de suporte dos seus recursos naturais e traz a tona desafios atuais de grande envergadura como os processos de degradação ambiental e de desertificação, poluição dos solos, contaminação das águas, desmatamento, diminuição da biodiversidade e comprometimento da qualidade de vida da sua população.

É nesse contexto de diversidade e desafios que se faz necessário trazer para o debate a Política Nacional de Desenvolvimento Regional (PNDR) (Brasil, 2007) que visa reduzir as desigualdades socioeconômicas e melhorar a qualidade de vida da população, através da geração de oportunidade de desenvolvimento econômico, melhoria de renda, investimento em infraestrutura, fortalecimento da educação promoção da sustentabilidade como preconiza os objetivos da PNDR (Brasil, 2007).

É fundamental compreender que o Estado brasileiro necessita da plena atuação das políticas públicas em seu contexto maior, que sejam eficientes e que conversem entre si para que de fato se promova o desenvolvimento. Entretanto a deficiência de políticas públicas que promovam uma verdadeira convivência com as condições climáticas, fazendo com que a população compreenda de uma vez por todas que a seca é um fenômeno natural e que na verdade, a culpa não é da seca mas de agentes promotores do espaço que estão focados no fortalecimento de um poder que usurpa os direitos sociais, aumenta as desigualdades e potencializam a miséria e a fome, como é pela literatura regional.

O objetivo deste escrito é compreender o desenvolvimento territorial no Nordeste brasileiro, através da análise de narrativas literárias, compreendendo como a literatura se apresenta como um

recorte importante na interpretação da realidade posta. O objeto de estudo se refere a obra literária intitulada *A fome* de (Teófilo, 1979). A obra apresenta aspectos de um Nordeste semiárido desabastecido de políticas públicas que promovam o desenvolvimento regional, que à época, era ainda mais ineficaz.

A referida obra é considerada uma importante contribuição à literatura brasileira, pois não apenas retrata a realidade social da época, mas também provoca reflexões sobre a condição humana e a necessidade de empatia e solidariedade. A obra é um convite à reflexão sobre as injustiças sociais e a luta por um mundo mais igual.

2. METODOLOGIA

Do ponto de vista metodológico a presente pesquisa classifica-se descritiva e bibliográfica. Conforme Gil (2008, p. 28), “a pesquisa descritiva como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis”.

De acordo com Gil (2008, 50) “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Assim, ela dialoga com diversos autores sobre as temáticas posta e traz um contraponto com a literatura. Assim, através da literatura somos convidados a debater questões centrais e atuais, como a miséria, a fome e desigualdade social.

3. O DESENVOLVIMENTO REGIONAL À LUZ DA OBRA LITERÁRIA: *A FOME*

A Fome é uma obra do escritor brasileiro Rodolfo Teófilo, publicada em 1893 que retrata a vida de um grupo de pessoas que enfrentam a miséria e a fome no interior do Nordeste brasileiro, mais especificamente no estado do Ceará. A obra se apresenta como um romance regionalista brasileiro que retrata a dura realidade da seca no sertão nordestino e cearense, no final do século XIX. A narrativa é centrada em personagens que vivem em condições precárias, explorando suas lutas diárias e a busca por dignidade em meio às adversidades. A obra se passa durante a grande seca de 1877-1879, um período de extrema miséria e sofrimento para a população do sertão, situação esta, muito bem discutida por (Ferreira Neto, 2006).

A história tem como pano de fundo a cidade de Fortaleza, no Ceará, e se concentra na vida de um homem simples, que enfrenta as consequências de um cenário de miséria extrema. A obra explora o sofrimento humano diante da fome, retratando as dificuldades de um povo carente que luta contra a fome, a miséria, a peste e a exclusão social.

O autor utiliza a obra para criticar a indiferença das classes privilegiadas diante da miséria dos

mais pobres e denuncia a falta de políticas públicas eficientes. O livro é considerado um exemplo do realismo social e tem um caráter de denúncia das condições econômicas e sociais do Brasil na época. Pois o autor faz uma crítica social, abordando temas como a desigualdade, a exploração e a indiferença da sociedade em relação aos mais necessitados. Teófilo utiliza uma linguagem rica, descritiva e envolvente para transmitir a dor e o sofrimento dos personagens, que enfrentam a fome e a desumanização, ao mesmo tempo em que revela a força e a resiliência humana diante das dificuldades.

Entre os principais personagens podemos destacar: Manuel de Freitas - o protagonista da obra, um homem trabalhador e honesto que luta para sustentar sua família em meio à seca e à miséria. Sua figura representa a força e a resiliência do sertanejo diante das adversidades. Inácio da Paixão - um jogador compulsivo que arruína sua própria família e prejudica a vida de Manuel de Freitas. Sua presença na trama serve como um contraponto à figura do protagonista, representando os vícios e a degradação moral que acompanham a miséria. Família de Manuel de Freitas - a esposa e os filhos de Manuel, que sofrem com a fome e as dificuldades da seca. A obra retrata a dor e o sofrimento dessa família, que luta para sobreviver em um ambiente hostil. Sertanejos - a massa de pessoas que fogem da seca e da fome, buscando refúgio na cidade. A obra retrata a diversidade e a complexidade desse grupo, que inclui desde trabalhadores rurais até criminosos e aproveitadores. Autoridades - a obra critica a ineficiência e a corrupção das autoridades, que não oferecem soluções eficazes para a crise da seca. A figura do governo é retratada como omissa e negligente, agravando ainda mais o sofrimento da população.

Nesta perspectiva, podemos indicar que a obra busca dar voz aos que sofrem em condições extremas, denunciando as desigualdades de um Brasil marcado por profundas disparidades sociais e econômicas. Apresenta-se como um importante testemunho da época e continua relevante, pois aborda questões universais que ainda ressoam na sociedade contemporânea.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Marcas do “Desenvolvimento Regional” do Nordeste Brasileiro retratadas em *A Fome*

Para entendermos a relação entre Desenvolvimento Regional e Fome precisamos inicialmente, lançarmos mão de dois conceitos-chaves, são eles: fome e miséria. A **Fome** pode ser definida de diversas maneiras, dependendo do contexto em que é abordada. De forma geral, a fome é a sensação física e psicológica de necessidade urgente de alimentos. Contudo, ela vai além da simples falta de comida, envolvendo questões sociais, econômicas e políticas. Para Azevedo (2022, p. 489), “a fome é uma das manifestações da insegurança alimentar e nutricional, cujo complexo fenômeno é uma

flagrante violação ao direito humano à alimentação adequada”.

Para Castro (1984), a fome é um fenômeno social, econômico e político, que está intimamente ligado à desigualdade de distribuição de recursos e à falta de políticas públicas eficazes. Ele rejeita a ideia de que a fome é causada apenas pela escassez de alimentos, argumentando que, na verdade, é um problema estrutural de injustiça social e econômica. A fome, portanto, é um reflexo da exclusão social e da pobreza que afeta uma grande parte da população, especialmente no Brasil. É exatamente essa questão que Teófilo (1979) aborda na sua literatura.

O segundo conceito que entendemos ser fundamental é o de miséria, problemática esta, que se refere à situação de extrema privação de recursos materiais, sociais e culturais, que compromete a qualidade de vida de um indivíduo ou de uma população. Ela está associada à falta de condições mínimas para a sobrevivência e o desenvolvimento humano, afetando diversos aspectos da vida, como a alimentação, a saúde, a educação e a segurança. A miséria é uma forma mais grave e intensa de pobreza, caracterizada por uma privação contínua e extrema das necessidades básicas.

Para a FAO, a miséria é um fenômeno multifacetado, ligado às condições de desigualdade social e à pobreza extrema, em que as pessoas não conseguem acessar os meios necessários para alcançar uma vida digna. Embora a FAO não tenha uma definição específica para miséria, ela considera a miséria como uma condição extrema de pobreza que afeta pessoas que não têm acesso básico aos recursos necessários para uma vida digna. É caracterizada pela falta de alimentos, pobreza extrema, exclusão social, e desigualdade. No contexto da FAO, a miséria está interligada com a insegurança alimentar e é vista como um problema estrutural, que requer intervenções amplas e políticas públicas eficazes para promover a segurança alimentar e a justiça social.

Nos dizeres de Castro (1984), a miséria não é apenas uma falta de bens materiais, mas um problema estrutural que envolve a desigualdade social e a exclusão das camadas mais pobres da sociedade. Ela está intimamente relacionada à fome, à pobreza extrema e à incapacidade de acesso a recursos essenciais, devido a fatores econômicos, políticos e sociais. A miséria, portanto, é um reflexo das falhas do sistema, da distribuição desigual de riqueza e da falta de políticas públicas eficazes, que mantêm as populações mais vulneráveis em condições de subordinação e marginalização.

Nesse contexto, a miséria frequentemente está associada à fome. Quando uma pessoa ou grupo vive em miséria, a insegurança alimentar é uma das suas principais características, levando à desnutrição e à vulnerabilidade às doenças.

Teófilo (1979) descreve com detalhes como a fome e a miséria eram problemas corriqueiramente apresentados na vida dos sertanejos retirantes. Na obra em análise, o autor denuncia diversos

espaços de miséria, mostrando que as políticas públicas eram ineficazes e insuficientes para resolver ou diminuir o sofrimento daquela população. No trecho a seguir o autor mostra que a fuga de seus locais de origem em busca de sobrevivência na capital do estado era por demais dolorosa. As famílias viam seus rebanhos morrerem de fome e sem outra alternativa, abandonavam seus lares e faziam longas caminhadas a pé, sendo que muitas vezes a comida era insuficiente para alimentar a família durante a jornada, faltava água, alimentação e locais dignos de descanso.

Foi na tarde de um desses dias no ano de 1877, o ano da fome, que na jacareanga um dos rebeldes de Fortaleza, arranchavam-se a sombra de um Cajueiro uma família de retirantes, que, depois das tonturas de uma viagem de cem léguas, vinham aumentar a onda dos famintos. (Teófilo, 1979, p. 4).

Em seguida, o autor mostra a situação da miséria sentenciada pela suposta falta de chuva, que os retirantes ainda creditavam que viria:

Apelava para o dia de São José, neste dia é que se saberia a sorte do Ceará. Na noite do dia 18 de março poucos foram os que dormiram. Ao quebrar da barra já todos estavam nos terreiros com olhar fito no levante. O céu estava limpo e ponteados de estrelas que esfuzilavam em todos os rumos. Um movimento de nuvens foi aparecendo no nascente ao mesmo tempo em que um vento frio soprava da floresta afora. A luz do luar em plenilúnio ia enfraquecendo, à proporção que a claridade crepuscular ia aumentando: não tardaria o aparecimento do Sol. As nuvens afastaram-se como um reposteiro, que fosse corrido, brilhou a aurora, franjando de ouro o contorno dos estratos, depois apareceu o sol, um Globo de fogo semelhante a cobre fundido. O vento de leste esfuziou mais forte e foi uivando de mundo afora, torcendo a ramaria das árvores, levantando do solo nuvens de folhas secas e poeira. Os sertanejos que olhavam o nascer do sol baixaram a vista, alguns chorando a sua sentença de morte (Teófilo, 1979, p.5).

Trechos a seguir da obra de Teófilo (1979) denuncia a falta de políticas públicas que socorressem os famintos e salvassem seus rebanhos.

Mortos de sede urravam a beira dos bebedouros com sentimento que comovia! Era necessário rasgar a Terra e arrancar-lhe a água das entranhas. (...) o gado cerca o Bebedouro e urra cavando a terra. Aquele coro de gemidos comove o fazendeiro que procura redobrar os esforços. O seu aluvião, entretanto, torna-se cada vez menos aguçoso, retalha a terra com menor afã. A fadiga retarda a marcha do serviço, mas não o interrompe. Freitas estava quase sem esperança de encontrar água, quando sentiu que pisava a terra úmida. Estava próximo o termo daquele trabalho insano. (Teófilo, 1979, p. 6 e 7).

A obra é recheada de situações de extremas dificuldades encontradas pelas famílias de retirantes que encontravam a cada dia maiores desafios. Como a morte do recém-nascido que eles encontraram em uma das noites da viagem, ou o encontro com uma vítima que morreu de pé agarrada

a uma árvore, além da criança que estava sendo devorada pelos morcegos. Esta e tantas outras situações demonstram a calamidade que sofriam os retirantes da seca no semiárido brasileiro.

Neste contexto, qual desenvolvimento que se podia vislumbrar no nordeste brasileiro? A população submetida às condições mais extremas de sobrevivência humana, sem dignidade e sem direitos garantidos, tinham o sofrimento, a fome, a dor e a morte como companheiras inseparáveis.

O desenvolvimento do Nordeste ganhou notoriedade na política a partir da década de 1950, com a criação de instituições, medidas políticas e recursos a fim de melhorar a situação socioeconômica dos nordestinos (Gonçalves e Araújo, 2015).

Ugeda (2020) tratando do desenvolvimento regional e dos desafios da construção jurídica do Nordeste, apresenta uma síntese do desenvolvimento regional do Nordeste desde 1945 até 2019.

É importante mencionar que naquele período o desenvolvimento era muito incipiente, as ações do governo eram paliativas e emergenciais, como distribuição de alimentos, construção de açudes e perfuração de poços, através da oferta de trabalhos em obras públicas emergenciais.

Para o referido autor, o final da década de 1940 foi marcado pela criação da Companhia Hidroelétrica do rio São Francisco (Chesf), do Departamento Nacional de Obras Contra Secas (DNOCS), aproveitamento das águas do rio São Francisco, criação da Comissão do Vale do São Francisco (CVSF). Essas políticas eram pensadas no sentido de combate aos efeitos da seca, enquanto a Chesf demonstrava o início do planejamento energético, voltado ao fornecimento de energia para a industrialização.

Na década seguinte (1950) é criado o Banco do Nordeste do Brasil (BNB) e da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene) com foco no desenvolvimento econômico e social da região e na redução das desigualdades sociais.

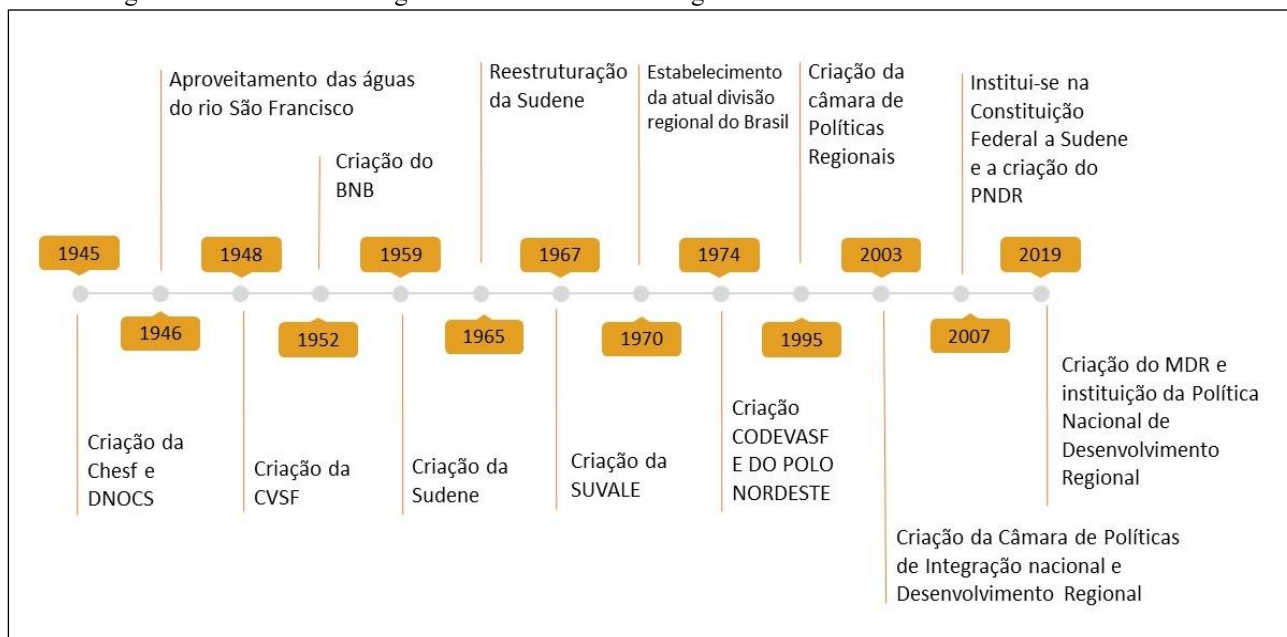
Nas décadas seguintes (1960 a 1990), além da reestruturação da Sudene, a criação da Superintendência do Vale do São Francisco (SUVALE), e da Fundação IBGE, destaca-se a criação da Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco (CODEVASF) e do Programa de Desenvolvimento de Áreas Integradas do Nordeste (POLONORDESTE).

Os anos 2000 apresentam a criação da Câmara de Políticas de Integração Nacional e Desenvolvimento Regional do Conselho do Governo, prevê a criação do Plano Regional de Desenvolvimento do Nordeste, confere status ministerial do Desenvolvimento Regional e institui a Política Nacional de Desenvolvimento Regional (Figura 1).

Apesar de algumas tentativas de promover o desenvolvimento, o Nordeste vem sendo marcado por grandes desigualdades regionais e problemas sociais como analfabetismo, a desigualdade

no acesso à terra e ainda a fome. De acordo com (Gonçalves e Araújo, 2015), o Jornal Folha de São Paulo divulgou em 2011 que o Nordeste concentrava 59% da população do País em extrema pobreza, baseado em dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Os autores também indicam que, segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), no ano de 2000, o Nordeste abrigava dois terços dos indigentes rurais do Brasil.

Figura 1: Síntese da base legal do Desenvolvimento Regional do Nordeste brasileiro.



Fonte: Elaboração do autor, baseado em Ugeda (2020).

As políticas de desenvolvimento regional do Nordeste foram em grande parte insuficientes e falhas, sendo a fome a miséria marcas de uma sociedade que pereceu por décadas, vítima das mazelas sociais, muito bem apresentadas por Teófilo (1979) na sua obra literária, como também em pesquisas científicas, manifestações culturais, como cordéis e músicas.

Quando falamos em desenvolvimento convidados a pensar em políticas públicas que contribuam de forma eficiente para a melhoria da qualidade de vida da população. Ao inserirmos o Nordeste brasileiro neste debate, entendemos que as políticas de desenvolvimento regional foram tardias, o que ajuda a explicar o atraso econômico e social que marcou essa região brasileira.

A obra literária de Rodolfo Teófilo intitulada A Fome nos convida ao voltar ao passado e entender de perto como era o sofrimento das famílias sertanejas que padeciam de fome em períodos de grandes secas, sendo obrigados a saírem de suas terras e buscarem socorro na capital do estado

cearense. O Jornal O povo de junho de 1932 destacava o efetivo populacional dos campos de concentração dos flagelados da seca no Ceará em 73.918 flagelados.

A história nos conta que a situação era muito grave, as principais manchetes dos jornais que tratavam sobre os retirantes da seca no Ceará, em especial aquelas que se referem aos campos de concentração, geralmente abordam a história de sofrimento e exclusão vivida por milhares de pessoas durante as crises hídricas, especialmente a seca de 1932. Essas manchetes frequentemente destacam a criação e funcionamento dos campos de concentração, que eram espaços de isolamento e controle, e as condições precárias em que os retirantes eram mantidos.

O sofrimento era muito grande porque a dor fazia parte do cotidiano daquelas pessoas. As condições precárias da vida, a fome, a miséria, a dor de sair do seu local de origem, as dificuldades enfrentadas durante os longos trajetos que faziam a pé rumo a capital em busca de socorro são situações muito bem retratadas na obra de Teófilo (1979)

O trecho a seguir da obra mostra uma cena de disputa por alimentos por parte dos retirantes da seca. Ao chegar na capital, todos famintos e amontados, ficavam sem alternativas para resolver o problema. Um dos retirantes (personagem Freitas) buscava mover aquele grupo a ainda lutar.

As palavras de Freitas acordaram nos famintos um resto de energia um último esforço de vontade e a onda de criaturas imóveis e súplices moveu-se na direção dos contedores. A multidão se revolucionava, seguia movida unicamente pelo instinto de conservação. Todos avançavam, tendo em mira a farinha defendida pelos comboieiros. (...) Depois de uma marcha de minutos, uma confusão infrene como se o delírio famélico houvesse acometido a todos, e alucinado tornava mais revolta a onda dos famintos que se moviam sempre ao som de gritos, gemidos e prantos. Em crescente alucinação seguiam acotovelando-se: os que sem força caíam, morriam pisados ou asfixiados em uma atmosfera quase sólida, quase poeira. (Teófilo, 1979, p. 43).

Diante da situação calamitosa os retirantes “esperavam que o freiteiro se compadecesse deles e distribuísse ao menos uma saca de farinha das vinte do governo que levava para o interior, que o freiteiro os tinha maltratado, esmurrando alguns” (Teófilo, 1979, p. 42).

Outros trechos da obra nos mostram a grave situação da fome daquele povo.

O fazendeiro compreendeu o perigo que o ameaçava a sua voz havia levantado um exército de esfomeados que uma vez em operação ninguém mais imobilizaria não viam se não o alimento e não ouviam palavras que não fossem estas avancemos na farinha que é do rei e também nossa. (Teófilo, 1979, p. 43).

A fome era o maior inimigo daquele povo “Havia ali uma multidão que em tudo se assemelhava a uma manada de porcos esfomeados, a disputar o maior quinhão da ceva”. (Teófilo, 1979, p. 44).

Eram já nove horas da manhã e a ração não chegava. Os famintos resignavam-se com a demora porque não tinham forças para reagir. Gemiam, suspiravam, porém não blasfemavam. As lágrimas haviam secado, ou desviadas do seu curso, seguiam caminhos diversos. De quando em quando os mais esfomeados erguiam-se e olhavam de esgoela para a sala do padre. O cúria lia o seu breviário. Sentavam-se outra vez e procuravam iludir a fome roendo as unhas ou comendo as escamas que desagregava da pele. (Teófilo, 1979 p. 51).

Depois de distribuir a ração aos famintos o vigário deixa claro: “os socorros que mandou o rei e eu já tenho dito meus filhos, são para os pobres daqui e não para os que vêm de fora” (Teófilo, 1979, p. 53). Esse trecho demonstra claramente que a assistência era precarizada. A alimentação não era suficiente e sofrimento continuava, como no relato a seguir:

Havia muita miséria na população advéncia da capital. As mesmas cenas da fome nos ermos caminhos do interior de um lugar nas ruas e praças da Fortaleza. Quase cem mil infelizes de todas as idades viviam miseravelmente nos abarracamentos do governo, nas praças públicas e nos passeios das casas. (Teófilo, 1979 p. 98).

Diante daqueles cenários catastróficos, parece que a fome era apenas a primeira parte daquela tragédia. A peste batia a porta.

As vítimas da seca sofriam atrocemente, quando uma nova época veio abrir mais uma página no livro de seus infortúnios. A população advéncia da Fortaleza se elevava a cento e quarenta mil almas! Muito críticas eram as circunstâncias de toda a província, quando uma calamidade doutra espécie veio aumentar com um enorme cortejo de padecimentos sua lastimosa situação. A varíola entrou traiçoeiramente em Fortaleza. (Teófilo, 1979 p. 155).

Os habitantes da capital estavam sitiados completamente pela epidemia. Os abarracamentos dos retirantes circulavam a cidade, e onde existia um emigrante, podia-se afirmar, estava um varioloso. O governo construiu lazaretos provisórios, contratou médicos, nomeou comissões de pronto socorro, mas tudo apenas atenuava um pouco os sofrimentos da população indigente. (Teófilo, 1979 p. 156).

Alguns dias depois da invasão da epidemia, cada alojamento de retirantes. era um lazareto de variolosos! As enfermarias regurgitavam de doentes; tudo era insuficiente para abrigar os pesteados. Muitos enfermos tinham por teto a sombra das árvores desfolhadas e aí mesmo, aos raios do sol, ao relento da noite, deitados no chão, morriam à míngua de socorro e isolados, porque os parentes, os companheiros, temendo o contágio, fugiam espavoridos, deixando-os abandonados! Pensavam assim evitar a peste e levavam-na incubada! O terror era geral! Por toda a parte via-se o pranto, a desolação. Raro era o dia em que os urubus não denunciavam uma carniça humana, um corpo que apodrecia nos arrabaldes da cidade. (Teófilo, 1979 p. 156).

Para além da fome e da peste, os famintos ainda tinham de lidar com ações criminosas por parte de quem prestava assistência do estado, com favoritismo, assistencialismo a grupos específicos em troca de favores políticos e aliciamento de menores, como podemos perceber no trecho a seguir:

A distribuição de socorros públicos em dinheiro e, por meio de cartões, o novo presidente proibiu logo que assumiu a administração da província. Manuel de Freitas vivia agora à custa

dos víveres que semanalmente recebia de Simeão de Arruda. O comissário entendia que estava tardando muito a realização de seu plano. Quando fazia justiça ao caráter de Freitas, julgando-o incapaz de um furto, acreditava possível a sedução de Carolina, rendendo-a pela miséria. (Teófilo, 1979, p.153).

Em outra parte, a obra mostra a submissão dessas jovens, que sem chances de se saírem da situação estavam sujeitas a todas e possíveis barbáries.

Beberam homens e mulheres, exceto uma moça que se escondia atrás das companheiras. Era muito nova, parecia ter quatorze anos, morena e de olhos negros. Tinha a fisionomia triste e as pálpebras vermelhas de chorar. Xenofonte notou que não tomava parte no brinde, aproximou-se e entregou-lhe uma taça cheia de vinho. Recusou. Um dos chefes de turma, Roque da Piedade, segredou-lhe ao ouvido uma ameaça e a infeliz, trêmula de susto, recebeu o copo (Teófilo, 1979. P.138).

[...]

A órfã saiu sem destino. A sua vida era de vagabunda. Comia na portaria do colégio e dormia no adro da igreja. Algumas semanas viveu assim, até que um dia a religiosa, conhecendo a infeliz história da órfã, interessou-se e empregou-a como criada em casa de uma família de sua amizade (Teófilo, 1979. P.152).

Diante dos trechos da obra aqui apresentados, é possível perceber como era a realidade dos retirantes da seca no Nordeste brasileiro e como o Estado lidava com esta realidade. Neste sentido, verifica-se que a obra literária *A Fome* apresenta uma importante contribuição para entender como o desenvolvimento regional do Nordeste no século XIX.

O autor traz um retrato fiel da realidade social, quando mostra de perto a fome a miséria e a luta diária pela sobrevivência. Além disso mostra a vulnerabilidade climática da região, como o elemento seca, era encarado pela população, embora não fosse a causa da mazela. Além de, e principalmente, trazer uma crítica a estrutura social da época, mostrando a negligência e a exploração dos governantes em relação a população pobre e miserável.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto podemos compreender como as narrativas literárias podem contribuir para entender a realidade do Nordeste brasileiro, pois além das pesquisas científicas elas são fontes importantíssimas de informações aos retratarem com fidelidade e alto grau de realismo, que não passa despercebido ao leitor.

Assim, verifica-se ao analisar a obra *A fome* de Rodolfo Teófilo, o histórico de desenvolvimento do Nordeste e os dados fornecidos pelas instituições que mostram a realidade da nossa população, o desenvolvimento regional do Nordeste caminha a passos lentos e se caracteriza por ser tardio,

assistencialista e impulsionador das desigualdades sociais. Embora um longo caminho venha sendo trilhado é importante notar que as ações assistencialistas, a abrangência limitada das infraestruturas hídricas, a centralização do poder, o fortalecimento da indústria da seca e a migração forçada geram consequências, por vezes irreversíveis à qualidade de vida dos sertanejos. Compreende-se que as vulnerabilidades climáticas, notadamente as secas, podem ser contextualizadas e que as populações não precisam perecer por isso, basta que utilizemos da nossa capacidade técnica, científica e política.

Os avanços com as políticas públicas são notáveis, a criação e fortalecimento das instituições públicas podem editar novos capítulos dessa história. Acreditemos que sejam capítulos que retratem as soluções, a diminuição do sofrimento e a tão sonhada superação da fome.

REFERENCIAS

AB'SABER, Aziz N. **Os domínios de natureza do Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial 2003.

AZEVEDO, D. C. de; Vamos, sim, falar da fome! **R. Katál**, Florianópolis, v.25, n. 3, 2022

Brasil. DECRETO Nº 11.962, DE 22 DE MARÇO DE 2007) Política Nacional de Desenvolvimento Regional (BRASIL. Lei nº 6. 938 de 1981. **Política Nacional de Meio Ambiente**, 1981. Disponível em: [CASTRO, José de. **Geografia da fome. A fome no Brasil**. 2a ed. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1984.](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/16938.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%206.938%2C%20DE%2031%0DE%20AGOSTO%20DE%201981&text=Disp%C3%B5e%20sobre%20a%20Pol%C3%ADtica%20Nacional,aplica%C3%A7%C3%A3o%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAs. Acesso em 10 de jun. de 2022.</p></div><div data-bbox=)

FERREIRA NETO, Cicinato. **A tragédia dos mil dias: a seca de 1877-79 no Ceará**. Fortaleza: Premium, 2006.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, H. F.; ARAÚJO, J. B. de. Evolução histórica e o quadro socioeconômico do Nordeste brasileiro nos anos 2000. In: **COLÓQUIO** – Revista do Desenvolvimento Regional - Faccat - Taquara/RS - v. 12, n. 1, 2015.

MALVEZZI, Roberto. **Semiárido: uma visão holística**. Brasília: Confea, 2007.

LEAL, I. R; TABARELLI, M; SILVA, J. M. C. da. **Ecologia e conservação da caatinga**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2003.



XVI ENCONTRO DA

S **BER-NE**

DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL, COOPERATIVISMO E
QUESTÕES CLIMÁTICAS NA AGRICULTURA DO NORDESTE



INSTITUTO DE EDUCAÇÃO E
COOPERATIVISMO
POTIGUAR - 2025

Mossoró/RN • 26 a 28 Novembro de 2025



UERN



LIMA, L. C; MORAIS, J. O. de; SOUZA, M. J. N. de (Org.) **Compartimentação Territorial e Gestão Regional do Ceará**. Fortaleza: FUNECE, 2000.

TEÓFILO, Rodolfo. **A fome. Violação**. Rio de Janeiro: J. Olympio; Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1979.

UGEDA. L. DESENVOLVIMENTO REGIONAL E DESAFIOS DA CONSTRUÇÃO JURÍDICA DO NORDESTE. In: **Mercator**, Fortaleza, v.19, 2020.